

MARCEL PROUST E A INVENÇÃO DA ESCRITURA

Maria Luiza Berwanger da Silva (UFRGS)

RESUMO

,tica de Giorgio Agamben e Jean Bessièrecri-Com base na reflexão teórico este estudo examina as relações da invenção da escritura com o toma como ,Para tanto .mediadas pela autorreferencialidade ,Contemporâneo a como caso-configurando ,amostragem textual a obra de Marcel Proust .deste diálogo exemplar

Palavras-chave: *invenção, contemporâneo, autorreferencialidade, espaço intervalar*

Qualquer leitor pode fazer esta experiência: há um antes e um depois de Proust. *Em busca do tempo perdido* modificou para sempre o aspecto da literatura em geral, da língua francesa em particular, mas também a vida de todos que o leram: este poema romanesco, esta partitura lírica e filosófica muda irreversivelmente a maneira através da qual se percebe o mundo. Antes se é um bruto, depois, não se pode mais ignorar que se é um destes e, durante a leitura, passam-se tantas coisas que seria preciso ser Proust para descrevê-las fielmente [...]. Faz-se indispensável saber qual Proust queremos ser, para determinar quem somos (MAXIME ROVERE, 2010, p. 44).¹

Proust não pode ser enclausurado em temas psicológicos ou outros (memória, ciúme, etc.), ele que frequenta e inquieta os bordos da experiência, o “ao lado”, o mal, o lugar, o sonho, o sono não são temas romanescos, mas armas para conhecer e escutar o que se chama “uma certa alegria”, ou ainda – mas é a mesma vitória, frágil, e no entanto decisiva – este “alguma coisa que está fora do tempo, essência real de nossa vida”, “sentimento suficiente, fora de toda duração, que talvez não seja conservado, mas que se ri de o ser (RISSET, 2009, p. 128).²

[...] Proust busca uma forma que recolha o sofrimento (acaba de passar por ele, absoluto, pela morte da mãe) e o transcenda; ora, a “inteligência” (palavra proustiana) [...] se seguirmos a tradição romântica, é uma potência que fere ou seca o afeto [...]. Ignoramos por qual determinação Proust saiu dessa hesitação [...] mas conhecemos a forma que escolheu. É precisamente a da Busca: romance? Ensaio? Nenhum dos dois ou os dois ao mesmo tempo: o que chamarei “uma terceira forma”, “uma tierce forme” (BARTHES, 2004, p. 351).

¹ « N’importe quel lecteur peut en faire l’expérience : il y a un avant et un après Proust. À la recherche du temps perdu a bouleversé à jamais l’aspect de la littérature en général, de la langue française en particulier, mais aussi de la vie de tous ceux qui l’ont lu : ce poème romanesque, cette partition lyrique et philosophique change irréversiblement la manière dont on perçoit le monde. Avant on est une brute, après, on ne peut plus ignorer qu’on en est une, et, pendant la lecture, il se passe tant de choses qu’il faudrait être Proust pour les décrire fidèlement [...]. Il est indispensable de savoir quel Proust nous voulons être pour déterminer qui nous sommes ».

² « Proust ne peut être enfermé dans des thèmes, psychologiques ou autres (mémoire, jalousie, etc.), lui qui fréquente ‘quelque chose qui est hors du temps, essence réelle de notre vie’, ‘sentiment suffisant, hors de toute durée, qui peut-être ne sera pas conservé, mais qui se rit de l’être’ ».

Celebração da subjetividade, travessia das bordas da experiência e composição de uma terceira forma ou espaço de conciliação, configurada pelo ângulo da invenção, a escritura proustiana evidencia o exercício da percepção e que o Contemporâneo acolhe de forma singular. Deste modo, aquém e além da multiplicidade de abordagens do fato comparatista, a leitura simbólica da produção de Marcel Proust doa à Arte atual o grão da voz seminal, encontrando, na invenção da terceira margem (a « tierce forme » barthesiana), o lugar e o ato da palavra teórica, poética e crítica. Fixar em Marcel Proust a matriz do inventar artístico contemporâneo equivale a identificar, sob certo jogo de temporalidade e de espacialidade entrecruzadas, a retração da distância entre leitor e produtor de significados, sentimentos e territorialidades: na presença proustiana, leitura e escritura convivem harmoniosamente, quando a palavra inventiva recolhe deste espaço compartilhado a cartografia de certa paisagem dupla. Nela, condensação e irradiação asseguram a certeza da Vida transfigurada pela Arte. Como se, justamente este experimentar duplo entre real e ficcional, entre espaço vivenciado e espaço imaginado, articulados pela produção da forma intervalar, estampasse sobre a página os bastidores da palavra nuançada, mas neutra, remetendo à reflexão de Julia Kristeva sobre a fertilidade da experiência para o fazer proustiano. « L'expérience est la configuration singulière par laquelle nous accédons à une jouissance », sublinha Julia Kristeva no estudo *Le Temps Sensible – Proust et l'expérience littéraire* (1994), reflexão que esta crítica explicita, em recente conferência, ao dizer :

[...] toute expérience est prise dans une double dimension de passivité et d'activité, elle est toujours et subie et dirigée, elle est et construite et reçue. Cela se vérifie jusque dans l'experimentation scientifique, que je laisserai de côté par la suite pour privilégier la question de l'expérience vécue. Que l'on songe au tribunal kantien de la raison, qui convoque la nature pour répondre à la question qu'il a forgée, ou que l'on songe au modèle bachelardien, où l'expérimentation correspond à une question théorique matérialisée, dans les deux cas la construction du dispositif expérimental est produit par l'activité de la raison, mais la réponse n'est pas maîtrisable ni contrôlable : elle ne peut être que passivement constatée. Au tribunal de la raison, le dernier mot dans le dispositif le plus construit qui soit appartient encore à la nature, au donné factuel, à ce dehors qui s'offre sans pouvoir se construire.

[...] Une expérience est toujours un rapport au dehors, à un dehors du discours, ou de la langue, ou du corps, ou de la croyance. [...] (DROIT, 2005, p. 155).

Assim pensando, Julia Kristeva permite-nos observar que, em Proust, a intimidade da experiência traduz-se pela vitalidade da dicção autorreferencial, compreendida esta

autorreferencialidade como efeito de ressonância do pensamento racional articulado por Marcel Proust-narrador que retorna a ele próprio sob forma de autodefinição de sua dicção artística. Elucidar sob forma de síntese teórico-crítica o processo da criação artística, eis a figuração primeira da escritura proustiana e que a passagem sobre a morte do crítico de Bergotte descrita em *Prisonnière* representa de modo exemplar:

Por fim [Bergotte] chegou diante do Vermeer que ele recordava ser mais cintilante, mais diverso de tudo o que conhecia, mas onde, graças ao artigo do crítico, reparou pela primeira vez em pequenos personagens em azul, e que a areia era rósea, e, afinal, a preciosa matéria do pedacinho bem pequeno do muro amarelo. Assim é que eu deveria ter escrito – dizia. – Meus últimos livros são muito secos, seria preciso passar-lhes diversas camadas de cor, tornar minha frase preciosa em si mesma, como este pedacinho de muro amarelo. [...] E repetia para si mesmo: Pedacinho de muro amarelo com uma varanda, pedacinho de muro amarelo [...] (PROUST, 2002. p. 141).³

Figura intervalar emergente do fluxo da experiência, na relação estabelecida com o prazer da autorreferencialidade, o desejo obstinado de Bergotte de rever a tela de Vermeer traduz a mediação efetivada pelo Outro-pictural, fixando nele a fisionomia do atravessador ou do transgressor, daquele que, movido pela obsessão de plenitude artística e de sublimação, dá a ver, sob esta face transgressiva, uma outra face, a da profanação. Refiro-me à « profanação » tal qual a define Giorgio Agamben na obra *Profanações*, quando diz: « Profanar não significa apenas abolir e cancelar a separação, mas também aprender a dar-lhe um novo uso, a jogar com este » AGAMBEN, 2005, p. 126). Ou ainda: « Profanar significa: abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência que ignora a separação, ou, melhor, faz dela um uso particular » (AGAMBEN, 2005, p. 106).

Se perceber nesta passagem sobre a morte de Bergotte o grão da voz inventiva de Marcel Proust corresponde a vislumbrar o fato comparatista como temporalidade memorial e espacialidade vasta, perspectivas que tanto transgridem quanto profanam o fazer artístico, o efeito deste vislumbre gera para o leitor-escritor a certeza da incessante participação da

³ « Enfin il fut devant le Vermeer qu'il se rappelait plus éclatant, plus différent de tout ce qu'il connaissait mais où, grâce à l'article du critique, il remarqua pour la première fois des petits personnages en bleu, que le sable était rose, et enfin la précieuse matière du tout petit pan de mur jaune. C'est ainsi que j'ouvrais dû écrire, disait-il. Mes derniers livres sont très secs, il aurait fallu passer plusieurs couches de couleur, rendre ma phrase en elle-même précieuse comme ce petit pan de mur jaune. [...] Et il se répétait : « Petit pan de mur jaune avec un auvent, petit pan de mur jaune ».

historicidade nacional e transnacional, simbólica e não simbólica, da trans-história descrita em *La Mémoire, L'Histoire, L'Oubli*, seguindo-se o traçado deste percurso legado por Paul Ricœur. Nesta obra, o filósofo completa o vazio entre memória, história e esquecimento com reflexões que, relocalizadas no fazer prousteano, consolidam a função de Proust expressa por Bergotte, de mediar transferências artísticas, estéticas e culturais. Deste modo, vista pelo ângulo da invenção, no rastro da « tierce forme », a escritura prousteana ressimboliza o conceito de obra literária: ao articular o diálogo com distintos saberes, a palavra prousteana transmuta a imagem do literário, conquanto o torna arquivo vivo e em processo de constante reciclagem de travessias artísticas e culturais efetuadas que o escritor dessimboliza para ressimbolizar na base do projeto de incidir em simbolizações novas. Atravessar para transferir e transferir para reter fios residuais com que o narrador busca representar a multiplicidade das experiências vivenciadas pelo « kaléidoscope de l'obscurité », eis, em síntese, gestos figurativos da paisagem prousteana estampada, a título de amostragem, pela relação autotextual estabelecida entre o parágrafo de abertura do primeiro tomo da *Recherche du Temps Perdu* (*Du côté de chez Swann*) com o parágrafo de conclusão do último tomo (*Le Temps Retrouvé*), diálogo que evidencia o ritmo ternário, no qual a busca de autodecifração de « l'homme qui dort », descrito pela subjetividade multifacetada (Sujeito-leitor, Sujeito-paciente em hospital, Sujeito-viajante e Sujeito-Adão, contrapondo-se a Eva, descritos na página marginal de *Du côté de chez Swann*), o conjunto destas faces matriciais traduzindo-se pela citação de « Um homem que dorme sustenta um círculo, a seu redor, o fio das horas, a ordenação dos anos e dos mundos [...] » (PROUST, 2002, t. 1, p. 22), tal celebração do sujeito pluralizado compõe, com a aproximação ao metaforismo dos « géants », no parágrafo de conclusão, a imagem da infinitude temporal e espacial, esboçando o desenho de certa figura de entrelaçamento que confessa a fertilidade de Vida e Arte. (Aproximadas não em prática de pura completude, mas, antes, de modo a evidenciar espaços novos de transgressão e de profanação.) Portanto, vista em seu conjunto, *À la recherche du temps perdu*, seja pela presença de fragmentos picturais e musicais, seja pela reflexão sobre gêneros literários, bem como seja pelo diálogo que estabelece com saberes não simbólicos (medicina, psicanálise e religião, entre outros), cartografada por estas reflexões de natureza diversa, antecipa-se à invenção contemporânea (refiro-me à irradiação da subjetividade pela consciência da trans-historicidade e da mundialização, quando antever o fluxo contemporâneo

da mescla e do hibridismo concede a Proust-leitor o desdobramento em Proust-escritor; como se toda leitura do real, uma vez decantada pelo filtro da paisagem subjetiva, hesitando entre memória e esquecimento, privado e coletivo, gerasse cartografias confluentes no tocante ao sentimento do múltiplo sorvido da migração infatigável a margens, lugares e temporalidades díspares. Dito de outro modo: em Marcel Proust, a invenção da escritura consiste essencialmente no perfeito equilíbrio entre o projeto do dizer e a consolidação do mesmo, expressando o vasto, o múltiplo e o atemporal.

Vista pela perspectiva da palavra intervalar, produto do trânsito teoria/prática e prática (teoria), a dicção proustiana prenuncia as *Seis propostas para o próximo milênio*, de Ítalo Calvino, principalmente nas referências a Proust, com que Calvino explicita a proposta da « multiplicidade », (« o mundo dilata-se a tal ponto que se torna inapreensível e para Proust o conhecimento passa pelo sofrimento dessa inapreensibilidade » (CALVINO, 2003)); prenuncia, igualmente, *Os cinco paradoxos da modernidade*, de Antoine Compagnon, onde a presença de Proust comparece na definição da Pós-Modernidade mediada pela imagem da temporalidade e da espacialidade entrecruzadas de modo aparentemente inconciliável, mas que encontram na invenção o lugar de entendimento da existência paradoxal a ser decifrada. Se, contudo, em *Os cinco paradoxos da modernidade*, o pensamento do autor de *Recherches* comparece em reflexões dispersas, mas confluentes, na demarcação de tendências artísticas, no prefácio à obra *Proust, la mémoire et la littérature* (2009), Antoine Compagnon extrai da produção proustiana o « noyau dur » da relação memória/autorreferencialidade/ invenção: « mémoire de la littérature ou la littérature est à la fois l'object et le sujet de la mémoire », compreendendo, pois, este crítico, o literário como fato estético, artístico e cultural. Portanto, determinar a convergência entre o traço crítico de Ítalo Calvino com o de Antoine Compagnon permite vislumbrar este espaço intervalar de natureza teórico-crítica, que dá a ver a cartografia de comunidades imaginárias e inconfessas, na base da própria concepção do Contemporâneo.

Em obra recentemente publicada (junho, 2011), Jean Bessière, no prefácio à *Littératures d'aujourd'hui: contemporain, innovation, partages culturels, politiques, théorie littéraires*, demarca o Contemporâneo pelo traço da « multitemporalité qui conserve à tout temps et à ses témoins leurs identités propres » (2011, p. 8), correspondendo a afirmar que o

fazer contemporâneo especifica o presente, como jogo duplo entre absoluto e relativo. E, assim pensando, Jean Bessière sublinha que a paisagem lúdica contemporânea constitui o « arrière-plan obligé d'À la Recherche du Temps Perdu », conquanto Proust não efetua a dissociação do presente e do passado; ao contrário, ao associá-los, percebe a articulação de um outro jogo, que consiste não apenas na « tradition du nouveau », mas na « innovation littéraire entièrement tournée vers une conjoncture des temps passés et des temps présents », visualizando esta « conjoncture » como « possibilité d'une réflexivité sur le contemporain [...] réflexivité qui récuse tout pouvoir que se reconnaisse la littérature dans cette approche du temps » (2011, p. 9). Dito de outro modo: ao evidenciar em Marcel Proust a singularidade da « conjoncture » temporal de rara indistinção e neutralidade, Jean Bessière dialoga, ainda que de modo inconfesso, com a transmutação contemporânea da « transgressão » em « profanação » no pensamento de Giorgio Agamben, diálogo que constitui o substrato e o « arrière-fond » mais profundo de certa reflexão bem anterior em Giorgio Agamben na obra *La Communauté qui vient (Théorie de la singularité quelconque)* (1990) e que Jean Bessière ressimbolizou magistralmente em conferência que constitui a bússola norteadora das perspectivas norteadoras do presente Congresso ABRALIC. O pensamento dos dois críticos coincide no que se refere à função dupla do Sujeito, da qual a subjetividade está presente na imagem do « centre » (nacional) e na dos « centres » (transnacional), imagens de Jean Bessière, do mesmo modo que comparecem na de comunidade estabelecida na « communauté qui vient », seguindo Giorgio Agamben, mobilidade subjetiva que possibilita configurar Marcel Proust como um « opérateur de lecture », traço atribuído a Borges na conferência de Jean Bessière, correspondendo a perceber na *Recherche* a matriz do jogo entre Mesmo/Outro, nacionalidades/ transnacionalidades, nos quais o Sujeito (« l'homme qui dort » transformado em « géant »), faz-se mediador de singularidades e pluralidades em gesto de recíproco compartilhar, um e outro configurando a « multiplicité de chaque centre » (p. 3) e, dedutivamente, de cada Sujeito e de sua comunidade cultural e artística, tratando-se na reflexão teórico-crítica de Jean Bessière e de Giorgio Agamben.

Uma vez diluída a hegemonia do periférico, trata-se de incluir o Sujeito na circulação da « littérature-monde », instalando-o de modo provisório e instável, mas diverso e múltiplo, na certeza de reterritorializá-lo sob forma de « géographie transfrontalière » (p. 16), o que

equivale a proceder certa « reconnaissance cosmopolite du local » (p. 18), imagens lapidares de Jean Bessière e que legitimam a produtividade inventiva da *Recherche* para o *corpus* brasileiro visualizado sob a égide do Comparatismo Mundial, daquele para o qual o traço crítico da difração, que transgride para profanar, não retrai a singularidade nacional e regional, ao contrário, sublinha-lhes a evidência inserindo-as na melodia da brasilidade, daquela que tanto diz o Brasil profundo quanto lhe garante a inserção na comunidade internacional. E, sob este ponto de vista, faz-se revitalizador retornar-se a Giorgio Agamben na obra já citada, quando este crítico percebe em « aise », por ele considerada como imagem residual de um lugar novo cartografado, lugar de condensação da multiplicidade significativa tecida pela consciência emergente da hesitação produzida pelo jogo entre centre/centres:

Aise é o lugar deste espaço não representável. O termo *aise* designa com efeito, segundo sua etimologia, o espaço ao lado (*adjacens, adjacentia*), o lugar vazio onde é possível a cada um mover-se livremente em uma constelação semântica em que a proximidade espacial aproxima-se do tempo oportuno (à vontade, ter suas vontades) e da comodidade com a relação apropriada. Os poetas provençais (nos versos dos quais aparece o termo pela primeira vez em língua romana, sob a forma de *aizi, aizimen*) fazem de *aise* um termo técnico de sua poética, designando o lugar mesmo do amor. Ou antes, não tanto o lugar do amor quanto o amor como experiência, o ter-lugar de uma ‘singularidade qualquer’ (ou de toda singularidade). (AGAMBEN, 1990, p. 31).⁴

Uma vez transportada para a produção proustiana, a intertextualidade crítica tecida entre Bessière e Agamben atualiza este arquivo de fios memoriais, inovando-os e inventando-os. Inovar e inventar, condense nestes dois gestos contemporâneos o prazer com que Marcel Proust reencanta e encanta a todo Sujeito, mediado pela certeza da subjetividade universalizada. Assim, pois, bordas da experiência profanadas, alegria, júbilo e autorreconciliação no Contemporâneo captam da cartografia proustiana a certeza do pensamento múltiplo decifrado.

⁴ « Aise est le nom propre de cet espace non représentable. Le terme *aise* désigne en effet, selon son étymologie, l’espace à côté (*adjacens, adjacentia*), le lieu vide où il est possible à chacun de se mouvoir librement, dans une constellation sémantique où la proximité spatiale voisine avec le temps opportun (à l’aise, avoir ses aises) et la commodité avec la relation appropriée. Les poètes provençaux (dans les vers desquels le terme apparaît pour la première fois en langue romane, sous la forme *aizi, aizimen*) font de l’aise un *terminus technicus* de leur poétique, désignant le lieu même de l’amour. Ou plutôt, non pas tant le lieu de l’amour que l’amour comme expérience de l’avoir-lieu d’une singularité quelconque. [...] ».

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *La communauté qui vient* (Théorie de la singularité quelconque). Paris : Seuil, 1990.

BARTHES, Roland. Durante muito tempo, fui dormir cedo. In: *O rumor da língua*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BESSIÈRE, Jean. *Littératures d'aujourd'hui*: contemporain, innovation, partages culturels, politiques, théorie littéraire. Paris : Honoré Champion, 2011.

_____. Notas da conferência pronunciada em Curitiba, abril, 2010.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COMPAGNON, Antoine. *Cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. *Proust, la mémoire et la littérature*. Paris : Odile Jacob, 2009.

DROIT, Roger-Pol. La taille de l'expérience. Introduction par Julia Kristeva. In: CENTRE ROLAND BARTHES. *Donner à penser*. Paris: Seuil, 2005. p. 151-182.

PROUST, Marcel. *A prisioneira; A fugitiva; O tempo recuperado*. Trad. de Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. t. 3.

RICOEUR, Paul. *La Mémoire, L'Histoire, L'Oubli*. Paris : Seuil, 2000.

RISSET, Jacqueline. *Une certaine joie*. Paris : Hermann Lettres, 2009.

ROVERE, Maxime. Proust aujourd'hui. *Le Magazine Littéraire*, Paris, n. 496, abr. 2010.